

# Resenha

## UMA NARRATIVA HISTÓRICA POR MEIO DA BELEZA

Título	<i>História da beleza: o corpo e a arte de se embelear, do Renascimento aos dias de hoje</i>
Autor	Georges Vigarello
Cidade	Rio de Janeiro
Editora	Ediouro
Ano	2006

Não tem sido pequeno o esforço empreendido para desvendar espaços, tempos, funções sociais, destinadas – e também exigidas – pelo feminino em momentos históricos distintos. Entre os variados caminhos tomados para o delineamento dessa trajetória, um tem sido a análise de fontes que tratam do embelezamento das mulheres, suas práticas, prescrições, interditos e receitas. Tais fontes têm fornecido elementos importantes para compreender como se tem dado ao longo do tempo a educação do corpo feminino.

Apesar de essa certa “história do embelezamento” ser objeto dos investimentos acadêmicos já há alguns anos, ela ainda apresenta lacunas temporais, sobretudo de épocas como aquelas que antecedem o século XX. Destaque-se ainda a falta de obras gerais, que abarquem em um só estudo períodos mais amplos<sup>1</sup>.

Nesse contexto o recente livro de Georges Vigarello (2000), *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de*

---

1. No Brasil os estudos de Sant’Anna (1995) e Priore (1988, 1997, 2000), entre outros, contribuíram nesse sentido. Lypovetsky (2000) tratou, em certa medida, de comentar aspectos da história das mulheres na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos, e também trouxe contribuições, na mesma dimensão, para a compreensão do tema. Seu trabalho, porém, tomou os cuidados com o corpo feminino somente como um tema transversal, ao focar permanências e descontinuidades com relação à posição social da mulher desde o início do moderno até os tempos mais atuais.

hoje<sup>2</sup>, já demonstra sua importância no próprio título. Trata-se de um trabalho que abrange aspectos do embelezamento feminino na Europa desde o século XVI até o final do XX. A visada panorâmica e cronológica não deixa de oferecer a possibilidade de perceber o movimento dos cuidados com as feições corporais, suas contradições, permanências e transformações a partir do que foi – e freqüentemente ainda é – considerado belo. Não se trata, portanto, de um trabalho que apresenta resultados propriamente originais de pesquisa, mas que, ao fazer uma compilação de temas e abordagens que remontam a outras obras do próprio autor e seus contemporâneos, se ocupa com competência de um mapeamento da moderna empresa de embelezamento feminino.

As distintas representações da beleza e as suas técnicas devem-se, de acordo com o autor, “às dinâmicas temporais [que] deslocam as oposições sociais e culturais, desviam os critérios de beleza, seus efeitos diferenciadores” (p. 11). Buscando atentar para as particularidades das experiências de embelezamento em sua radicação histórica, Vigarello, que como em outros trabalhos (VIGARELLO, 1995, 2003, 2005, entre outros) se orienta pela possibilidade de uma narrativa histórica do corpo, apresenta a *história da beleza* dividida em cinco capítulos, cada qual mais ou menos correspondente a um período de cem anos. Destaque-se que o autor faz uso de imagens, mas, principalmente, das palavras que são utilizadas para descrever a beleza em cada longo recorte histórico, uma vez que “elas traduzem as tomadas de consciência, os interesses distintos, as sensibilidades reconhecidas e experimentadas” (p. 10).

Vale aqui ressaltar como Vigarello organiza sua exposição. O século XVI teria sido aquele em que a beleza é *revelada*; no seguinte é *expressiva*; no XVIII é beleza *experimentada*; no seguinte, torna-se *desejada*. Nos anos de 1914 a 2000 pergunta-se, como que a corresponder às incertezas do século XX, se “a beleza [seria] democratizada?”<sup>3</sup>.

---

2. Versão original: *Histoire de la beauté, corps et embellissement de la renaissance à nos jours*. Paris: Seuil, 2004. 345 p.

3. Parece haver aqui uma alusão crítica à assertiva de Lypovetsky (2000) sobre uma “democratização da beleza”. Esta seria caracterizada como uma disponibilidade de técnicas de embelezamento para distintas classes sociais, tendo como consequência uma menor diferenciação entre elas. Havendo mais recursos à disposição para fazer-se bela, seria oferecida à mulher a possibilidade, antes restrita, de individuação por meio da ação sobre o próprio corpo. Da possibilidade, porém, passa-se facilmente para o dever e para a responsabilização feminina, algo que, por um lado, é

O século XVI foi marcado pela emergência da beleza como uma característica feminina e intangível. O belo seria divino, transcendental, revelado. Uma posição que suscitava o desejo por um modelo absoluto, perfeito. Tal idealização produzia ambigüidades com relação ao embelezamento, uma vez que a beleza não deveria ser forjada, mas sim natural, dada. Era comum certa condenação do uso de artifícios – maquiagem, pós, cabelos postiços, pastas etc. –, o que não impedia que no cotidiano essas relações de permissão e restrição se mostrassem presentes de modo mais complexo e contraditório. Com o passar do tempo, o embelezamento passa a ser permitido, sobretudo, na medida em que servisse para fins “honestos”, como a busca pelo casamento, e desde que não fosse procurado de modo *abusivo*.

A beleza feminina renascentista, diz Vigarello, é a do rosto e do busto, as “partes altas” sustentadas por meros pedestais como o quadril, pernas e coxas, sem qualquer importância estética. Expressão também de ocultamento, de uma promessa, essa beleza é da *imobilidade* – do ócio, da languidez – e da brancura da pele, atributos da ociosidade aristocrática, requisitos de distinção social – como seria, anos mais tarde, o *fair-play* e todo o movimento que, mesmo exigindo esforço, fosse *esportivo*, ou seja, sem finalidade prática.

O século seguinte (XVII) ainda estaria marcado por alguma desconfinança a pairar sobre o *artifício*, o movimento de *correção* da natureza. Pós, pastas e pomadas, bem como técnicas de imersão, lavagens e expurgações, já presentes no período anterior, seguem comparecendo nas superfícies – e tomando-se marcas da interioridade – do feminino. É maior a frequência dos cuidados, a diversidade dos detalhes, enfim, experimenta-se um acréscimo na atenção dispensada ao corpo. Um novo aspecto desse tempo é a consolidação da prática de apertar o corpo com o uso do espartilho – uma das “panóplias corretoras”, como o próprio Vigarello (1995) chamou em outro momento. Esse “instrumento cotidiano da postura” (p. 63) mostra-

---

criticado, mesmo que de forma discreta, por Lypovetsky. Para ele, no entanto, trata-se também, por outro lado, de um “protagonismo” da mulher ante seu corpo e, conseqüentemente, seu próprio eu. Vigarello, em certa medida, questiona os aspectos positivos desse processo de individualização, sublinhando o caráter de exigência que este adquire, destacando que o crescimento da disposição de técnicas para fazer-se bela não aconteceria exatamente no sentido de democratização da beleza para todas as classes, mas sim confirmaria as distâncias e hierarquias sociais.

va-se importante para a *teatralização* que se exigia em uma vida urbana e pública então efervescentes: “uma cultura emerge, com seus locais, seus rituais, diferente daquela da corte, mesmo que inspirada nela. Os olhares se reorientam, a estética se renova.” (p. 48). Nessa nova sensibilidade que se forja a exigir novos gestos e comportamentos, em que estética e expressão se interpassam, o corpo vai adquirindo destaque e exposição, embora veículo de uma beleza que se terrenaliza. No ambiente privado, espaço da “sinceridade”, o uso da maquiagem tinha de ser recusado com mais veemência.

No século XVIII, produtividade e funcionalidade do corpo demarcariam a sensibilidade burguesa que distingue o que é belo. Formas corporais mais firmes, e uma especial atenção aos quadris, importantes para a maternidade, vão ganhar destaque, estendendo a importância anatômica para além do rosto e do busto, já que “o objeto estético não reside somente nas partes, e sim em suas convergências” (p. 77). Segundo o imaginário então em voga, seria possível apreender, a partir da análise de apenas uma das partes, como seria um determinado corpo em seu conjunto, bem como ainda o próprio caráter/atitude do indivíduo, sua perfeição ou imperfeição – demarcadas de acordo com a funcionalidade do corpo.

Os novos tempos exigem fluidez e leveza, em detrimento da imobilidade, quando também emerge o discurso em favor da saúde e o elogio do movimento e da dinamicidade. Beleza passa a ser também retrato dos usos e costumes corretos em relação ao corpo<sup>4</sup>, questão que se demarca como parte de uma pedagogia estatal e formadora de uma sensibilidade individual. Esse novo ideário, que no cotidiano ainda demora a consolidar-se, traduz o desejo de “opor uma sociedade nascente à antiga sociedade. Transformar a aparência, reunir forças, recusar a velha ‘etiqueta’ aristocrática julgada muito solene, se não entorpecida” (p. 84).

Forjar a própria beleza, construir a si mesma: no século XIX, mais do que nunca, a aparência é tomada como retrato da interioridade, possibilidade de descoberta e revelação do eu. Une-se a isso uma necessidade de fazer-se bela, o que exige conhecimento e uso de produtos de *coqueteria* – maquiagem, cremes, enfeites, entre outros – mais acessíveis aos diversos públicos.

---

4. Vigarello, em outro de seus trabalhos (2005), ocupa-se detalhadamente dos esforços modernos de “correção” do corpo.

No que se refere à importância alcançada pelos quadris no século XVIII, ela não apenas permanece, mas gradativamente avança. Isso se deve, em grande medida, à maior visibilidade dos contornos provenientes das mudanças no vestuário, bem como à expansão dos espelhos que permitem multiplicar a possibilidade, também posta na vida pública, de ver e ser vista. Há ainda uma popularização do nu, com a ascensão de espetáculos, concursos, gravuras de roupas íntimas e transparentes, mas, principalmente, pela cultura de praia que se instaura e pela confecção de roupas específicas para as novas formas de ocupação desse território<sup>5</sup>. É junto a essa maior exposição corporal que surge “o modelo de elegância mundana de perfil mais estendido” (p. 125) – magro e fluido – que ao longo do tempo acaba por se impor ante aquele “padrão erotizado dos cafés-concertos, de contornos arqueados e coxas acentuadas” (p. 125). Enquanto o espartilho vai de modo gradativo caindo em desuso, é a ginástica que ganha centralidade no discurso, ainda que não seja tão praticada quanto prescrita. Há aqui uma mudança significativa nos cuidados de si: do uso de uma técnica “externa” passa-se para a autoconstituição do corpo, uma crença na transformação por meio do próprio esforço.

Esse é também um momento de expansão do mercado do embelezamento. Novos produtos, e com preços variados, propiciam a formulação da máxima de que a beleza é acessível a todas as mulheres. Destaque-se que um artifício interessante da indústria de cosméticos é a associação de produtos e marcas às “vedetes” da época, cujas imagens corporais passam a constituir um respeitável capital.

O bem-estar associado à beleza parece ser a marca do século XX, cujo início, conforme constantemente se admite na historiografia, é o período da I Guerra Mundial e da Revolução Russa. Mais importante do que se parecer com as *misses* e atrizes, ainda referências de beleza e imagens preferenciais para a propaganda dos cosméticos, o ideal seria sentir-se bem com o próprio corpo. O requerido controle sobre este dependeria da força de vontade, algo que corresponde a uma “psicologização dos comportamentos” que reforça o imperativo de responsabilização dos cuidados de si. Desenha-se um deslocamento em direção à interioridade individual e um incremento da atenção às mensagens que o próprio corpo emitiria.

---

5. Sobre a praia e seu lugar nas práticas e no imaginário modernos, consultar Corbin (1989).

A atenção a si vai aparecer mesclada a um discurso que afirma que liberdade é sinônimo de descoberta de um eu interior, de uma personalidade autêntica, e buscar uma singularidade transforma-se em dever. É preciso descobrir a si mesma para mais bem poder investir em seu corpo, uma vez que ele representa o que se é interiormente.

Essa nova sensibilidade assiste a *imposição* dos cuidados estéticos perder força ante a *exposição* e o seu oferecimento como uma opção entre outras. Isso acontece na mesma ampla escala que a disponibilidade do acesso aos produtos de embelezamento. No incitamento ao consumo, investe-se menos em uma recomendação rigorosa do que em uma “insistência nas escolhas individuais”. Nesse novo modo de pensar e viver a beleza, os modelos são fugazes, transformando-se de acordo com o que se supõe ser a vontade e o estado de espírito das musas. Até mesmo o imperativo da magreza se desenha, de acordo com Vigarello, como um modo de individualizar e personalizar, pois apesar de ser um modelo coletivo, para alcançá-lo é possível optar por diversos caminhos. A mulher deve escolher aquele que esteja mais de acordo com o seu desejo, com o seu modo de ser. O autor não deixa de atentar, porém, que todo esse discurso de valorização de si mesma e de escolhas mascara e potencializa a exigência do transformar-se, das pressões sociais de adequar-se às normas e do domínio e controle do corpo.

Vigarello ocupa-se ainda de detalhar certa “invenção” da beleza e, conseqüentemente, da relação com o corpo adiante das mudanças no modo de enunciá-la em cada momento histórico específico. Com isso, e sem desconsiderar a dinâmica contextual, faz protagonizar o próprio objeto de estudo, evitando diluí-lo em temporalidades (que em seu texto são meros recursos didáticos) esquemáticas que o explicariam desde um ponto de vista externo.

*A História da beleza* oferece ao leitor e à leitora a possibilidade de percorrer o caminho de um crescente reconhecimento do corpo, que resultou em uma ampliação dos investimentos sobre sua superfície, nas múltiplas singularizações da beleza, na produção de uma interioridade que, paradoxalmente, se produz pela aparência. Junto a essa história é possível ver outras sugeridas, como a das formas de subjetivação feminina e sua materialização em relações de gênero traçadas nos cuidados com o corpo, das mudanças com relação à silhueta e das aparências consideradas desejáveis. Como isso Vigarello permite-nos acompanhar e mesmo lançar novos olhares sobre os processos de produção e educação do corpo feminino.

## REFERÊNCIAS

- CORBIN, A. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 385 p.
- LYPOVETSKY, G. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 339 p.
- PRIORE, M. D. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988. 64 p.
- \_\_\_\_\_. *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto/Unesp, 1997. 678 p.
- \_\_\_\_\_. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Senac, 2000. 103 p.
- SANT'ANNA, D. B. Cuidados de si e embelezamento feminino. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 121-139.
- VIGARELLO, G. Panóplias corretoras: balizas para uma história. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 21-38.
- \_\_\_\_\_. A história e os modelos do corpo. *Pró-posições*, Campinas, v. 14, n. 2 (41), p. 21-29, maio/ago. 2003.
- \_\_\_\_\_. *Corregir el cuerpo: historia de un poder pedagógico*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005. 252 p.
- \_\_\_\_\_. *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje*. Trad. Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 247 p.

*Beatriz Staimbach Albino*

Mestranda em educação física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea –  
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CED/UFSC/CNPq)  
E-mail: bia\_ufsc@yahoo.com.br

*Alexandre Fernandez Vaz*

Doutor pela Universidade de Hannover  
Professor do Programas de Pós-Graduação em educação e  
educação física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea –  
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CED/UFSC/CNPq)  
Pesquisador CNPq (Nível 2 – ciências humanas, educação, fundamentos da educação)  
Apoio: CNPq (auxílio pesquisa, bolsa de produtividade em pesquisa, bolsa de apoio técnico,  
bolsas de iniciação científica).  
E-mail: alexfvaz@pq.cnpq.br